

A gnose de Jung no contexto da transição dos éons

Luís Paulo Brabo Lopes

Artigos



Resumo

Neste artigo, discutimos o contexto da transição dos éons como um período caracterizado pela modificação da constelação das dominantes (os arquétipos) da psique coletiva, isto é, por uma metamorfose dos deuses. Tal situação é acompanhada pela morte (ou perda de eficácia) do mito que caracterizou o éon anterior e pela irrupção do inconsciente coletivo na experiência individual, com a finalidade de formar o mito do novo éon. Não foi à toa que na Antiguidade tardia, justamente na transição do éon de Áries para o éon de Peixes, floresceu o gnosticismo e, posteriormente, cristalizou-se o cristianismo. E é exatamente na transição do éon de Peixes para o éon de Aquário, período em que hoje nos encontramos, que a gnose de Jung está situada. Desde a publicação do *Livro Vermelho*, ficou claro o papel central da imaginação ativa no método junguiano, e a importância das experiências numinosas no desdobramento do processo de individuação. Cabe aqui uma discussão mais aprofundada sobre a importância desse processo não somente no sentido da ampliação da consciência no indivíduo, mas também em relação ao papel que exerce no nascimento do mito do novo éon.

Palavras-chave: gnosticismo, gnose, Livro Vermelho, imaginação ativa.

Introdução

A publicação do *Livro Vermelho* de C. G. Jung trouxe ao grande público o registro de seu confronto com o inconsciente. Como pudemos observar, o mergulho de Jung o levou a regiões profundas, atravessando os conteúdos pessoais e chegando ao inconsciente coletivo (o *locus* do nascimento da imagem de Deus). Podemos muito bem afirmar que o *Livro Vermelho* é um livro que sintetiza a gnose de Jung, isto é, o entendimento que adquiriu através da assimilação do inconsciente coletivo. Foi através das experiências numinosas descritas no *Livro Vermelho* que Jung encontrou-se, em primeira pessoa, com a personificação de sua alma e com a figura do sábio Filemon. Jung não somente permitiu o desdobramento dessas fantasias arquetípicas a partir de uma fonte mitopoética misteriosa (o inconsciente), como também participou desse mito como protagonista, dialogou e viveu experiências transformadoras com as figuras que encontrou.

Levando isso em consideração, hoje podemos ter mais clareza sobre o que Jung queria dizer quando afirmava que seus conceitos psicológicos não eram filosóficos, mas estritamente empíricos. Este é o tipo de empirismo o qual Jung muitas vezes refere: a experiência numinosa imediata e seu desdobramento em um mito pessoal através da imaginação ativa. Assim, Jung primeiro conheceu sua *anima* através de suas visões e só posteriormente desenvolveu o conceito de *anima* para integrar sua psicologia, em um movimento da gnose à episteme. Se relacionarmos os desdobramentos teóricos da psicologia de Jung após o período de sua crise de transformação com as experiências e elaborações presentes no *Livro Vermelho*, perceberemos claramente que muitas de suas elaborações teóricas posteriores se originaram nessas experiências interiores, ou então pelo menos foram fortemente influenciadas por elas.

Por exemplo, um dos importantes *insights* de Jung (que seria elaborado muito posteriormente no livro *Aion*) referentes à transformação da constelação das dominantes da psique coletiva (os arquétipos) nos períodos de transição entre os éons (i.e., eras) já aparece em uma pintura de Jung no início do *Liber Novus* (*Livro Vermelho*).

Não é a presunção que me impele, mas sim a minha consciência médica que me aconselha a cumprir com o meu dever de preparar aqueles poucos que podem me ouvir para os acontecimentos que estão reservados à humanidade e que significam o fim de um éon (era). Como já sabemos através da história do antigo Egito, são fenômenos psíquicos de transformação que acontecem sempre no final de um mês platônico e no início do mês subsequente. Ao que parece, são modificações na constelação das dominantes psíquicas, dos arquétipos, “os deuses”, que causam ou acompanham transformações seculares da psique coletiva. Esta transformação tem alimentado dentro da tradição histórica e deixado as suas marcas. Primeiro, na transição da era de Touro para a de Áries (Carneiro). Logo depois de a era de Áries para a de Pisces (Peixes), cujo início coincide com o surgimento da era cristã. Agora, estamos nos aproximando da grande mudança que pode ser esperada com a entrada do equinócio da primavera, em Aquarius (Aquário). (JUNG, OC, vol. X/4, §589).

Jung entendia que no período de transição entre os éons acontecia uma metamorfose dos deuses, ou melhor, uma modificação na constelação das dominantes da psique coletiva. Assim, em cada éon há uma diferente constelação arquetípica de fundo e, portanto, há um mito específico. Por isso, o fim de um éon é acompanhado pela perda de eficácia do mito (a morte da imagem de Deus) e inaugura um momento de maior irrupção do inconsciente coletivo na consciência dos indivíduos a fim de dar nascimento ao novo mito, que virá a caracterizar o novo éon. Tal modificação das dominantes da psique coletiva evidentemente é acompanhada por uma modificação da psique de cada indivíduo. Assim, um novo éon significa também um novo homem.

1. O papel da gnose na transição dos éons

Na imagem da primeira página do *Livro Vermelho* (Figura 1), Jung ilustra uma serpente subindo a partir de um caldeirão em chamas localizado sob a água do mar. A serpente chega ao céu e aparece coroadada. Na região inferior da imagem há um cenário ctônico/subaquático, logo acima há uma cidade antiga e em seguida o céu diurno. O detalhe que eu gostaria de ressaltar, entretanto, encontra-se acima desse céu terrestre, no qual se pode observar a Lua, ao seu lado o planeta Saturno e alguns outros planetas bem pequenos, indicando a região astrológica das esferas planetárias. Mais acima observamos a região das estrelas fixas com suas constelações zodiacais. À esquerda está a constelação de Câncer, seguida por Gêmeos, Touro, Áries, Peixes e Aquário. Entre a representação de Peixes e de Aquário há um Sol brilhante destacado.



Figura 1. Imagem da primeira página do *Livro Vermelho* de C. G. Jung.

Fonte: *O Livro Vermelho – Liber Novus* (JUNG, 2017)

Quem é familiarizado com a obra de Jung e conhece seus escritos mais tardios, em especial o livro *Aion*, não terá dificuldade em perceber que Jung está abordando nessa imagem a questão da transição do atual éon de Peixes para o próximo éon, ligado à

constelação de Aquário. A constelação de Câncer, no canto superior esquerdo da imagem, refere-se evidentemente ao éon de Câncer (8700 a.C. até 6600 a.C.)¹, seguida pelo éon de Gêmeos (6600 a.C. até 4400 a.C.), depois por Touro (4400 a.C. até 2300 a.C.), Áries (2300 a.C. até 150 a.C.), chegando no atual éon de Peixes (150 a.C. até o momento atual) e finalmente indicando o vindouro éon de Aquário. O Sol brilhante destacado entre as constelações de Peixes e Aquário mostra nosso momento atual, de transição entre estes dois éons.

A figura principal é uma representação da precessão do Sol através do círculo zodiacal. As observações astrológicas ligaram a vasta história humana à mudança gradual da posição equinocial do Sol em relação às estrelas fixas, uma transposição dentro do zodíaco marcada a cada 2.200 anos ou mais. No alvorecer do cristianismo, o Sol havia entrado na casa astrológica dos dois peixes, a constelação de Peixes. Agora, o ponto da nascente solar está prestes a fazer a transição para a constelação zodiacal de Aquário, inaugurando uma nova era.

Nas primeiras quatro palavras do *Liber Novus – Der Weg des kommenden*, ‘O Caminho daquele que virá’ – Jung entrelaçou uma história gráfica do passado e uma profecia do futuro. [...] A declaração do prefácio do *Liber Novus* oferece, em imagem complexa, a proclamação mitopoética de um novo aeon que se aproxima: um ponto de viragem de época na história humana. (OWENS, 2011, p. 256, tradução própria)².

Para Jung, a enorme efervescência espiritual na Antiguidade tardia que marcou o momento histórico da emergência do gnosticismo não ocorreu por acaso, já que se tratava precisamente do período de transição entre os éons de Áries (finalizado por volta de 150 a.C.) e Peixes. Tal desdobramento histórico culminaria com o surgimento do cristianismo, expressão da nova constelação arquetípica que caracteriza o éon de Peixes.

Seria, talvez, mais apropriado falar em gnosticismos, no plural, pois não estamos falando de uma escola única e estruturada com um corpo doutrinário coeso; ao contrário, o gnosticismo é caracterizado por uma imensa pluralidade. Havia muitas escolas e muitos mestres, cada uma com seus próprios textos e trazendo influências de tradições distintas, como a grega, a egípcia, a judaica, a persa, para citar somente

¹ As datas de todos os éons apresentados são aproximadas, pois não há consenso sobre elas.

² No original: “The key figure is a depiction of the sun’s precession through the zodiacal circle. Astrological observations linked the vast human story with the gradually shifting vernal equinoctial position of the sun relative to the fixed stars, a transposition within the zodiac marked every 2,200 years or so. At the dawn of Christianity, the sun had entered the astrological house of the two fish, the constellation of Pisces. Now the solar spring point is on the cusp of transitioning into the zodiacal constellation of Aquarius, inaugurating a new age.

Within the first four words of *Liber Novus – Der Weg des kommenden*, ‘The Way of the Coming’ – Jung intertwined a graphic tale of the past and a prophesy of the future. [...] The preface declaration of the *New Book* offers, in complex image, the mythopoetic proclamation of a coming new aeon: an epochal turning-point in the human story” (OWENS, 2011, p. 256).

as principias. Sabemos, entretanto, que os grupos gnósticos não estavam isolados uns dos outros, e que apesar da pluralidade havia uma troca viva entre eles, pois mesmo com as diferenças havia algo em comum que unia todos estes grupos: a gnose.

As ideias centrais do cristianismo radicam na filosofia gnóstica que, conforme as leis psicológicas, desenvolveram-se forçosamente no momento em que as religiões clássicas se tornaram obsoletas. Esta filosofia baseia-se na percepção dos símbolos do processo inconsciente de individuação, o qual se desencadeia quando se desagregam as representações coletivas principais que dominam a vida humana. Em tais períodos há necessariamente um certo número de indivíduos intensamente possuídos pelos arquétipos numinosos; estes últimos são impelidos à superfície, a fim de formarem as novas dominantes. (JUNG, OC, vol. XII, §41).

Jung discute que a perda da eficácia do mito que caracterizou o éon de Áries (as religiões clássicas) significou uma crise de proporções civilizacionais. Esse fato teria criado a condição ideal para o surgimento do gnosticismo e, posteriormente, para a estruturação do cristianismo. Tal momento histórico antecede o declínio do próprio Império Romano e a consequente passagem da Antiguidade para a Idade Média, o que demonstra o inegável aspecto transicional deste período. Jung entende que o surgimento do gnosticismo não foi um evento histórico aleatório, mas algo fundamentado sobre uma dinâmica arquetípica específica. Isto é, de tempos em tempos, sempre que um éon, ou mês platônico, chega ao fim há uma transformação na constelação das dominantes da psique coletiva. Isso implica na perda de eficácia do mito que caracterizou o éon anterior (a morte da antiga imagem de Deus) e, em consequência disso, é deflagrada uma ampla crise espiritual. Sem uma imagem de Deus eficaz ou um mito estruturante, inicia-se um período de transição caracterizado por uma maior incidência de símbolos individuais, isto é, o processo de individuação é não somente favorecido, como também torna-se necessário para que o inconsciente coletivo seja assimilado pela consciência dos indivíduos (i.e. gnose) e assim possa nascer o novo mito. Ou seja, sem um mito vivo e atuante, capaz de servir à população como um todo, o inconsciente coletivo é atraído pela consciência dos indivíduos que sofreram a desagregação das dominantes e, assim, um novo mito pode ser formado.

Eles [os alquimistas] deram prosseguimento à obra dos gnósticos (que, até certo ponto, eram bem mais teólogos do que propriamente hereges) e dos padres da Igreja, em uma nova era, reconhecendo instintivamente que o vinho novo não deve ser colocado em odres velhos. Da mesma forma que a serpente troca de pele, assim também o mito precisa de nova roupagem em cada renovado éon, para não perder a sua força terapêutica. (JUNG, OC, vol. IX/2, §281).

Assim, quando falamos em gnose, estamos falando sobre a religião *in statu nascendi*, isto é, do momento do surgimento da

nova religião diretamente a partir do inconsciente. Atualmente, graças à descoberta de importantes textos gnósticos, com ênfase especial à *Biblioteca de Nag Hammadi* (ocorrida no Egito, em 1945), podemos reconstruir o contexto espiritual do período de transição entre os éons de Áries e Peixes. Está claro, por exemplo, segundo Brum et al. (2020), que no contexto do cristianismo primitivo, Jesus era considerado um importante mestre gnóstico (i.e., escola dos Ofitas), como revelam vários textos gnósticos com teor muito distinto dos conhecidos Evangelhos canônicos. Textos estes marcados por seu teor esotérico e pelos ensinamentos reservados (i.e., apócrifos) de Jesus para seus discípulos imediatos. Isto é, a escola dos Ofitas era uma das várias escolas gnósticas que floresceram durante esse período de transição entre os éons de Áries e Peixes. Assim, num sentido histórico, atualmente não resta nenhuma dúvida de que o próprio cristianismo tenha surgido a partir do gnosticismo.

Como sabemos também, nos séculos posteriores à morte de Jesus iniciou-se um grande processo de padronização do cristianismo, com a formação dos concílios que definiram a “religião oficial”, de onde surge a própria *Bíblia*. Tal período foi caracterizado por uma intensa perseguição às “heresias”, isto é, aos grupos gnósticos, que por sua pluralidade ameaçavam a intenção doutrinária de definir uma religião oficial para o império. E assim encerrou-se o período de transição entre os éons, caracterizado pela efervescência espiritual gnóstica, e cristalizou-se o novo mito, uma nova imagem de Deus (i.e., o cristianismo), reflexo da nova constelação das dominantes da psique coletiva que veio a caracterizar o éon de Peixes.

Não sem violência e derramamento de sangue, as escolas gnósticas foram erradicadas; seus textos foram destruídos e oficialmente refutados pelos padres da Igreja. Podemos considerar que tal processo foi realizado de forma bastante eficaz, pois pouquíssimos textos gnósticos sobreviveram a esse momento de perseguição. De modo que, na época de Jung, salvo algumas exceções, uma das maiores fontes de literatura sobre os gnósticos eram os livros dos próprios padres da Igreja os refutando e afirmando o corpo doutrinário do cristianismo oficial.

Jung discute esse momento exato em que, após um longo período de efervescência gnóstica, o novo mito começa a surgir e, através do dogma, passa a ter um efeito protetor sobre a consciência dos indivíduos, ameaçada de posseção por conteúdos arquetípicos devido à desagregação das dominantes. Sabemos, graças à psicopatologia, que a irrupção dos conteúdos do inconsciente coletivo na consciência não é algo desprovido de perigo, e uma das funções do dogma é exatamente proteger a consciência dos indivíduos desse risco. Assim, com o advento da dominante cristã, trata-se de “acreditar”, isto é, de se relacionar com o inconsciente coletivo através da imagem mediadora do dogma e não mais através da experiência numinosa imediata.

Na medida em que o conteúdo arquetípico do drama cristão conseguia exprimir de modo satisfatório o inconsciente inquieto e premente da maioria, o *consensus omnium* (consentimento de todos) o elevou à categoria de verdade obrigatória para todos; isto não ocorreu, entretanto, por um ato de julgamento, mas por uma possessão irracional muito mais eficaz. Jesus tornou-se assim a imagem protetora contra todos os poderes arquetípicos que ameaçavam apoderar-se das pessoas. A boa nova anunciava: “Já aconteceu e já não vos acontecerá mais se acreditardes em Jesus, o filho de Deus!” No entanto, isto podia e pode acontecer a qualquer um que sofre a desagregação da dominante cristã. (JUNG, OC, vol. XII, §41).

Podemos observar claramente, neste período histórico, o processo da morte do mito que caracterizou o éon de Áries (as religiões clássicas), o surgimento de um período intermediário caracterizado pela irrupção de símbolos individuais e a assimilação do inconsciente coletivo (i.e., a gnose) e, finalmente, a cristalização de um novo mito (a partir da experiência original) com seu corpo doutrinário e dogmático, expressão da nova constelação arquetípica relativa ao éon de Peixes.

Se retornarmos à imagem da primeira página do *Livro Vermelho* (Figura 1), observamos que Jung aponta que, no período atual, tal como no período dos antigos gnósticos, estamos em um momento de transição entre éons. Assim, atualmente também enfrentamos, a olhos vistos, uma crise espiritual em proporção civilizacional. O anúncio profético de Nietzsche afirmando que Deus está morto, apesar de não poder ser levado ao pé da letra, traz ainda assim uma grande verdade. Isto é, a imagem de Deus ligada à constelação arquetípica que caracterizou o éon de Peixes tem perdido cada vez mais sua eficácia. Novamente entramos em um período de transição em que os conteúdos do inconsciente coletivo como que buscam a consciência dos indivíduos para, gradualmente, formar o novo mito.

Discutimos no início deste texto, o aspecto superior da imagem de abertura do *Livro Vermelho* (Figura 1), isto é, as constelações zodiacais apontando a transição dos éons; gostaria, agora, de apontar para o aspecto inferior da mesma imagem. No canto inferior esquerdo, o caldeirão está dentro da região ctônica/submarina, ou seja, no inconsciente; de dentro do qual uma serpente se eleva. Graças ao fogo, a serpente sobe até o céu, onde encontra-se coroada, elevando-se em esplendor e realeza. Assim, entendemos que é justamente nesse período de transição entre eras (apontado na parte superior da imagem) que o inconsciente coletivo se aproxima da consciência de certos indivíduos e seus conteúdos elevam-se a partir da escuridão ctônica. Isto é, são assimilados pela consciência para que a nova imagem de Deus seja formada. A serpente ascendente é um conhecido símbolo ligado à gnose, presente nas religiões de mistérios da Antiguidade, entre os gnósticos e mesmo na alquimia da Idade Média. De modo a não restar dúvidas de que essa pintura de Jung ilustra sua própria

gnose, ocorrida no período de transição entre os meses platônicos indicados na parte superior da ilustração.

O fato de essa imagem (Figura 1) ser a ilustração de abertura do *Livro Vermelho* é bastante revelador sobre a função do próprio livro, pois trata-se não de um livro sobre psicologia junguiana, mas do livro que sintetiza a gnose do próprio Jung. Ou seja, estamos falando das experiências religiosas de Jung, realizadas principalmente entre os anos de 1913 e 1919, que se estenderam até o início da década de 20 e tiveram anotações mais espaçadas em seus diários até 1932 (i.e., período em que se encerraram os registros dos *Livros Negros*).

Primeiro, havia seis diários com datas sequenciais, conhecidos como “livros negros”, que ele começou nesta noite de novembro de 1913 e continuou até o início da década de 1920. Esses diários podem ser melhor descritos como seu registro primário e contemporâneo de uma viagem de descoberta à realidade imaginativa e visionária, o que ele chamou de “meu experimento mais difícil”. Em 1915, à medida que a magnitude de sua experiência o penetrava, ele sentiu a necessidade de um registro mais formal e elaborado das visões. Com grande habilidade artística – empregando texto caligráfico iluminado antigo e obras de arte impressionantes –, Jung trabalhou durante dezesseis anos traduzindo o registro primário de sua experiência dos livros negros para um elegante volume encadernado em couro do tamanho de um fólio: este é o famoso, mas há muito tempo sequestrado, *Livro Vermelho*. Jung intitulou-o *Liber Novus, O Novo Livro*. (OWENS, 2010, p. 2, tradução própria)³.

2. Metanoia, imaginação ativa e individuação

Jung tinha 38 quando, em 1913, teve sua primeira experiência visionária registrada em seu diário (i.e., nos *Livros Negros*), que caracterizaria o início de um longo processo de descida e assimilação do inconsciente. O ano anterior teve uma importância crucial em sua vida, pois foi quando publicou a obra monumental *Símbolos da transformação da libido* (organizado em suas obras completas no volume 5, sob o título *Símbolos da transformação*). Jung sabia que a publicação desse livro lhe custaria caro, especificamente significaria sua ruptura definitiva com Freud. Pelo menos desde 1909 a relação de Jung e Freud já dava importantes sinais de desgaste, com as divergências entre ambos tornando-se cada vez mais evidentes. Em

³ No original: “First, there were six sequentially dated journals, known as the ‘black books’, which he began this night in November of 1913 and continued through the early 1920s. These journals might be best described as his primary and contemporaneous ledger of a voyage of discovery into imaginative and visionary reality, what he termed ‘my most difficult experiment’. By 1915, as the magnitude of his experience penetrated him, he felt the need for a more formal and elaborate recording of the visions. With great artistic craft — employing antique illuminated calligraphic text and stunning artwork —, Jung labored for sixteen years translating the primary record of his experience from the black books into an elegant folio-sized leather-bound volume: this is the famous but long-sequestered *Red Book*. Jung titled it *Liber Novus, ‘The New Book’*” (OWENS, 2010, p. 2).

várias ocasiões posteriores, Jung mencionou a atitude dogmática de Freud não admitindo qualquer refutação dos pilares centrais da psicanálise, como a questão da centralidade da sexualidade, por exemplo. Assim, com a publicação desse livro em 1912 Jung foi rebaixado da condição de “príncipe herdeiro” da psicanálise para a posição de herege nos círculos psicanalíticos.

Nesse contexto crítico de sua vida pessoal e também no período de transição entre a primeira e a segunda metade de sua vida, Jung entrou em uma profunda crise que o levaria a seguir as fantasias que brotavam de seu inconsciente, no que ele mesmo chamaria de seu “confronto com o inconsciente”. O desenvolvimento da imaginação ativa teve um papel central no curso desse confronto, pois foi através dela que Jung realizou sua descida, viveu experiências visionárias, obteve encontros e realizou diálogos com figuras arquetípicas do inconsciente coletivo.

Cabe uma ressalva aqui sobre o modo como usamos o termo *fantasia*, pois devido ao preconceito moderno, tal palavra adquiriu uma conotação de algo irreal. Assim, com muita frequência vemos a palavra *fantasia* ser utilizada como antônimo de *realidade*. Em diversos momentos, Jung discute que para o homem moderno, devido à crescente tendência ao racionalismo materialista, a alma tornou-se um “nada mais do que”, isto é, algo com uma dignidade absolutamente inferior em relação ao dito “mundo real”, ou melhor, à experiência do mundo exterior. Para Jung, porém, fantasia significa realidade, pois “é verdadeiro aquilo que atua” (JUNG, OC, vol. VII/2, §353). Assim, se alguém é assaltado pela fantasia de que seu vizinho é seu inimigo, criará provavelmente uma relação animosa com ele. De tal modo, o dito “mundo real” é constantemente atravessado pela fantasia, declará-la como irreal só faz a consciência ignorar algo que a atravessa de fato.

Quando, porém, abordamos a fantasia no contexto da imaginação ativa, cabe fazer uma diferenciação, pois não estamos tratando aqui de uma fantasia que por se encontrar projetada (misturada ao mundo exterior), apesar de sua inegável realidade, produza uma espécie de ilusão, confundindo o objeto exterior com a imagem do inconsciente projetada nele. Ao contrário, no contexto da imaginação ativa, a fantasia tem um efeito de revelar os processos inconscientes de fundo, que de outro modo apareceriam projetados ou se imporiam sobre a consciência na forma de possessões. Isso significa que quando a fantasia é experimentada na forma de visões, por meio da imaginação ativa, a consciência tem a possibilidade de recolher a projeção. Não à toa, Jung afirma que “a psicoterapia moderna procura torná-los [os conteúdos do inconsciente] conscientes pelo método da imaginação ativa” (JUNG, OC, vol. XIV/2, §107).

Em essência, a imaginação ativa consiste em esvaziar a consciência de seus próprios conteúdos, deixando que as fantasias que brotam

do inconsciente atavessem o limiar da consciência e cheguem até a superfície para, em seguida, o ego ativamente engajar-se com essas fantasias. Em 1938, em seu seminário sobre *Yoga e Meditação*, Jung discute sobre a imaginação ativa:

Descobri que se alguém mantém a atenção sobre esses vestígios [de sonhos ou fantasias] e se concentra neles, um curioso fenômeno de movimento acontece, exatamente como quando se olha para um ponto escuro por um longo tempo, e ele então começa a se animar. De repente, somos capazes de discernir as formas do nosso próprio fundo [*background*] interior. (JUNG, 2020, p. 75, tradução própria)⁴.

Essa seria a primeira etapa da imaginação ativa, que podemos chamar de “deixar acontecer”, consistente em visualizar uma imagem, que pode ser um fragmento de sonho ou de fantasia passiva, por exemplo, e em manter o foco da atenção sobre ela sem deixar que afunde novamente no inconsciente. Assim, a imagem como que fertilizada pela atenção começa a se animar, isto é, torna-se uma fantasia que é a própria expressão viva e imagética dos processos inconscientes que estão constelados abaixo do limiar da consciência. “Essa é uma meditação, ou seja, uma impregnação do pano de fundo, que se torna animada, frutificada pela nossa atenção. Por esse meio, conteúdos ainda em desenvolvimento emergem claramente”. (JUNG, 2020, p. 78-79, tradução própria)⁵.

Então chegamos ao segundo momento da imaginação ativa, isto é, o engajamento ativo do ego com a fantasia que emergiu do inconsciente. Nesse estágio, o ego deve entrar na fantasia, engajar-se e dialogar com as imagens e personificações do inconsciente. Jung salienta a importância fundamental do engajamento ativo da consciência com a fantasia que emerge do inconsciente em seu texto *A técnica de diferenciação entre o eu e as figuras do inconsciente*:

A contínua conscientização das fantasias (sem a qual permaneceriam inconscientes), com a participação ativa nos acontecimentos que se desenrolam no plano fantástico, tem várias consequências, como pude observar num grande número de casos. Em primeiro lugar, há uma ampliação da consciência, pois inúmeros conteúdos inconscientes são trazidos à consciência. Em segundo lugar, há uma diminuição gradual da influência dominante do inconsciente, em terceiro lugar, verifica-se uma transformação da personalidade. (JUNG, OC, vol. VII/2, §358).

⁴ No original: “I found that if one directs attention to these traces and concentrates upon them, a curious phenomenon of movement gets going, just as when one stares at a dark spot for a long time which then begins to become animated. We are then suddenly able to discern the forms of one’s own internal background” (JUNG, 2020, p. 75).

⁵ No original: “This is a meditation, i.e., an impregnation of the background, which becomes animated, fructified by our attention. By this means, objects of still-developing circumstances emerge clearly” (JUNG, 2020, p. 78-79).

Durante vários anos, no período crítico de sua vida, Jung esteve profundamente envolvido com as fantasias que emergiram de seu inconsciente, em um longo e transformador processo, simbólico e vivencial, oriundo do encontro entre a consciência e o inconsciente. Tal vivência caracterizou a experiência original que posteriormente Jung elaborou teoricamente através do conceito de “processo de individuação”. Cabe salientar que o processo de individuação não se restringe unicamente às experiências interiores de assimilação do inconsciente, mas se amplia também aos desdobramentos éticos que esta assimilação implica.

Quem der-se ao trabalho de refletir sobre o assunto, conseguirá chegar a uma ideia aproximada do modo pelo qual se processa a transformação da personalidade. Mediante a participação ativa, a paciente mergulha nos processos inconscientes⁶ e, abandonando-se a eles, consegue dominá-los. É assim que liga consciente e inconsciente. O resultado é a ascensão pela chama, a transmutação através do calor alquímico, a gênese do “espírito sutil”. É esta a função transcendente, que nasce da união dos opostos. (JUNG, OC, vol. VII/2, §358).

A esse processo de assimilação do inconsciente coletivo a partir da experiência religiosa individual chamamos gnose. A gnose de Jung teve uma importância central para a elaboração de sua teoria e poderíamos dizer que boa parte do esforço teórico de Jung em sua segunda metade da vida foi a tarefa hermenêutica de traduzir sua gnose em episteme. Ou seja, traduzir suas experiências originais em teoria psicológica geral.

No final, os únicos acontecimentos da minha vida que valem a pena contar são aqueles em que o mundo eterno irrompeu neste mundo transitório. É por isso que falo principalmente de experiências interiores, entre as quais incluo os meus sonhos e visões. Esses constituem o material primário do meu trabalho científico. Eles eram a lava ardente a partir da qual se cristalizou a pedra que precisava ser trabalhada. (JUNG, 1989, p. 4, tradução própria)⁷.

Considerações finais

Considerando o que foi discutido até aqui, é possível concluir que a “descida” de Jung às profundezas do inconsciente coletivo e principalmente o contato que estabeleceu tanto com a figura da *anima* quanto com a de Filemon (o velho sábio), se relacionou, por um lado, ao processo de metanoia do próprio Jung e, por outro, estava inserida no contexto mais amplo da transição entre os meses platônicos. Isto é, entre

⁶ Alusão à imaginação ativa.

⁷ No original: “In the end the only events in my life worth telling are those when the imperishable world irrupted into this transitory one. That is why I speak chiefly of inner experiences, amongst which I include my dreams and visions. These form the prima materia of my scientific work. They were the fiery magma out of which the stone that had to be worked was crystallized” (JUNG, 1989, p. 4).

os éons de Peixes e Aquário. No segundo caso, estamos tratando de um processo arquetípico mais amplo, que está muito além da vida pessoal de Jung. Do mesmo modo pelo qual a gnose na Antiguidade tardia teve um papel central na renovação do mito e, assim, na transformação da psique coletiva (pelo menos em todo o mundo ocidental) na transição do éon de Áries para o éon de Peixes. No momento atual, igualmente de transição entre os meses platônicos, a gnose tem exatamente a mesma função: por um lado, a transformação da personalidade (ou melhor, a individuação) e, por outro, a preparação do novo mito, que virá a caracterizar o novo éon. Assim, a gnose de Jung está exatamente no mesmo contexto e tem a mesma função que o gnosticismo teve no passado. Tal fato é ilustrado por um sonho de Jung:

Eu estava em um país distante de língua inglesa. Era preciso que eu voltasse ao meu país o mais rápido possível num navio bem veloz. Cheguei rapidamente a casa. Em casa deparei-me com o fato de que em pleno verão havia irrompido um frio tremendo a partir do mundo ambiente, que congelou todo ser vivo. Havia ali uma árvore carregada de folhas, mas sem frutos; as folhas se haviam transformado, pela ação do gelo, em doces bagos de uva, cheios de suco medicinal. Colhi as uvas e as dei de presente a uma grande multidão que aguardava. (JUNG, 2019, p. 114).

Podemos considerar que o fruto curativo trazido por Jung para a sua época foi a própria psicologia analítica. A importância de seu método deve ser destacada, em especial em relação à imaginação ativa, pois trata-se de um método para que o homem moderno tenha a possibilidade de recuperar sua própria alma, esquecida e desprezada diante de uma crescente tendência ao racionalismo e ao desprezo pela fantasia, como se ela fosse algo irreal, sem nenhum valor ou mesmo algo nefasto. Assim, o grande tesouro trazido por Jung para a época atual foi não somente sua teoria psicológica, mas principalmente o método que permite ao homem moderno viver a gnose. Shamdasani chega a chamar a psicologia analítica como uma religião *in statu nascendi*, pois seu próprio método terapêutico mais profundo consiste na cura pela experiência numinosa, isto é, pelo mergulho na fonte de onde nascem as religiões (o inconsciente coletivo).

Em 1918, Jung afirmou que a descristianização da visão de mundo predominante levou a uma ativação extraordinária do inconsciente. Foi isso, por sua vez, que levou à escola francesa de psicopatologia e hipnotismo, que formou as principais fontes da psicologia analítica. Assim, a descristianização da visão de mundo formou a condição histórica de possibilidade para o surgimento da psicologia analítica. Essa descristianização levou a um florescimento da criação de símbolos individuais e a um aumento acentuado na frequência de neuroses. A tarefa mais premente era chegar a um acordo com esta atividade. (SHAMDASANI, 1999, p. 543, tradução própria)⁸.

⁸ No original: "In 1918, Jung claimed that the Dechristianization of the prevailing world view led to an extraordinary activation of the unconscious. It was this, in turn, which led to the French school

A descristianização da visão de mundo mencionada acima equivale ao que estamos aqui discutindo como a perda de eficácia do mito, que acompanha a transformação da constelação das dominantes da psique coletiva no período final do éon de Peixes (momento em que estamos atualmente). Assim, podemos entender que a maior irrupção do inconsciente coletivo na experiência individual que acompanha esse período de transição significou, no fim do éon de Peixes, o surgimento da própria psicologia analítica. A “descida” de Jung e sua gnose se inserem nesse contexto, e sua psicologia emerge como um fruto desse momento histórico de transição entre os éons.

Eis por que, quando a psicoterapia moderna reencontra os arquétipos ativados do inconsciente coletivo, repete-se o fenômeno frequentemente observado em momentos de grandes transformações religiosas; mas como já dissemos isto também ocorre no indivíduo para o qual as representações dominantes já nada significam. O *descensus ad inferos* (a descida aos infernos) do Fausto é um exemplo desse fenômeno que consciente ou inconscientemente representa um *opus alchymicum* (obra alquímica). (JUNG, OC, vol. XII, §42).

É importante ressaltar que na medida em que a psicologia analítica traz para o homem moderno os meios para vivenciar a “experiência original”, contribui de forma notável para o desdobramento do processo mais amplo de elaboração da imagem de Deus vindoura. Pois a nova imagem de Deus, expressão viva da transformação sofrida pelas dominantes da psique coletiva que servirá ao homem do éon de Aquário, deverá nascer gradualmente ao longo dos próximos séculos a partir do inconsciente coletivo (a fonte do mito). E tal como tivemos a oportunidade de observar no passado, esse processo de nascimento do novo mito depende da assimilação do inconsciente coletivo por um certo número de indivíduos (que sofreram a desagregação das dominantes) no curso do período de transição entre os éons. Assim compreendemos que não só o indivíduo, ao longo de sua vida, passa por contínuos períodos de morte e renascimento como também o mesmo processo arquetípico de renovação acontece em uma escala de amplitude civilizacional, com a morte e o renascimento da imagem de Deus. Isso significa ao mesmo tempo a morte de um velho modo de consciência e o nascimento de um novo modo de consciência; a morte do homem do passado e o nascimento do homem do futuro. Estamos, atualmente, exatamente nesse período de transição em que acontece a metamorfose dos deuses.

of psychopathology and hypnotism, which formed the main sources of analytical psychology (JUNG, 1918, p. 21). Thus the Dechristianization of the world view formed the historical condition of possibility for the emergence of analytical psychology. This Dechristianization led to an efflorescence of individual symbol creation, and a marked increase in the frequency of neuroses. The most pressing task was that of coming to terms with this activity” (SHAMDASANI, 1999, p. 543).

Referências bibliográficas

- BRUM, A.; DULLIUS, A.; MEAD, G. R. S. **A gnosis de João: o apócrifo, o hino e a cruz de luz do essênio-gnóstico Yohanan**. Brasília: Garbha-Lux, 2020.
- JUNG, C. G. **Memories, dreams, reflections**. New York: Vintage Books, 1989.
- JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. OC, vol. VII/2. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- JUNG, C. G. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. OC, vol. X/4. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia - Rex e Regina, Adão e Eva, A Conjunção. OC, vol. XIV/2. Petrópolis: Vozes, 2011c.
- JUNG, C. G. **Aion**: estudo sobre o simbolismo do Si-mesmo. OC, vol. IX/2. Petrópolis: Vozes, 2012a.
- JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. OC, vol. XII. Petrópolis: Vozes, 2012b.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho - Liber Novus**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- JUNG, C. G. **O Livro Vermelho**. Edição sem ilustrações: Liber Novus. 5ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2019.
- JUNG, C. G. **Psychology of Yoga and meditation**. New Jersey: Princeton University Press, 2020. DOI: <http://doi.org/10.1515/9780691213774>.
- OWENS, L. The Hermeneutics of Vision: C. G. Jung and *Liber Novus*. **The Gnostic: a Journal of Gnosticism Western Esotericism and Spirituality**, Dublin, n. 3, p. 23-46, 2010.
- OWENS, L. Jung and Aion: time, vision, and a wayfaring man. **Psychological Perspectives**, Los Angeles, v. 54, n. 3, p. 253-289, 2011. DOI: <http://doi.org/10.1080/00332925.2011.597248>.
- SHAMDASANI, S. Is analytical psychology a religion? *In statu nascendi*. **The Journal of Analytical Psychology**, London, v. 44, n. 4, p. 539-545, 1999. DOI: <http://doi.org/10.1111/1465-5922.00119>. PMID:10651550.

Luís Paulo Brabo Lopes é psicólogo, especialista em Psicologia Junguiana, mestre em Psicologia (UFRRJ). Atuou como professor em cursos de pós-graduação em Psicologia Analítica no Rio de Janeiro. Atuou como psicólogo em diversos serviços do SUS, como ambulatório de saúde mental, hospitais psiquiátricos e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Atualmente coordena o Laboratório de Ampliação da Personalidade e Estudos Junguianos (Lampeju), é analista junguiano, professor de Psicologia Junguiana e supervisor clínico.

luispaulo.lopes@hotmail.com